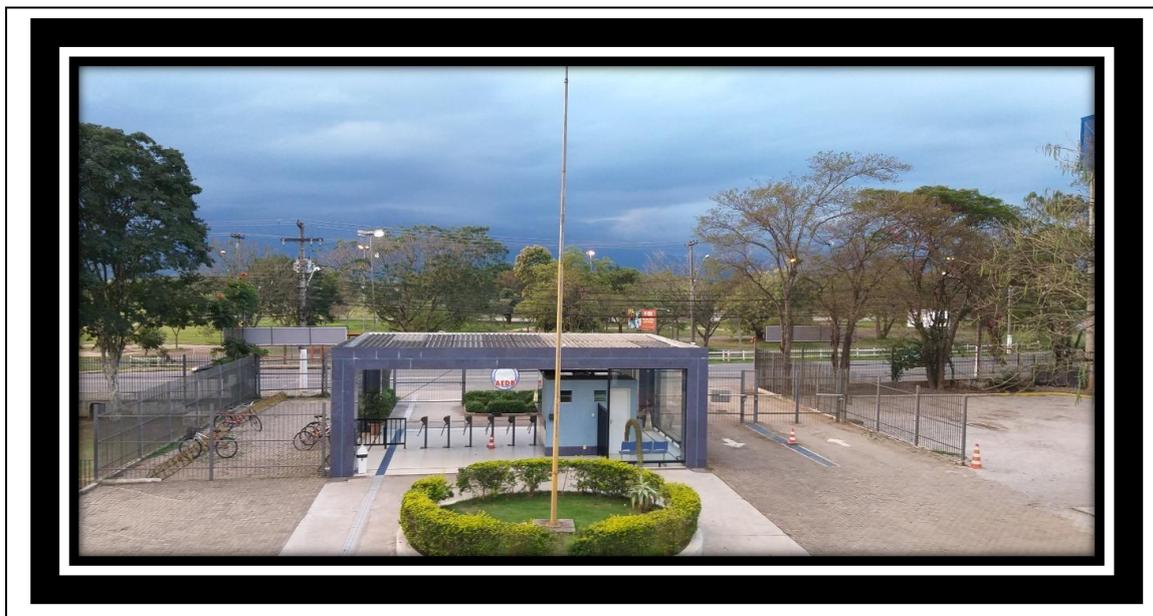


POSSES DE ACADEMICOS DA FAHIMTB EM RESENDE, NAS FACULDADES D.BOSCO

Cel Claudio Moreira Bento Presidente da FAHIMTB



Faculdades D. Bosco fundada pelo falecido Coronel Antônio Esteves que acolheu em 1996, a então Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Faculdades hoje dirigida por seus filhos Cel Antônio Carlos e Eng Mario Aníbal Esteves

Em 24 de Agosto .aniversário de morte do Presidente Getúlio Vargas e, recordando a primeira posse de acadêmicos na então AHIMTB, há 23 anos, do General Carlos de Meira Mattos na cadeira Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, foram empossados acadêmicos os coronéis Alexandre Petrini Leonardo, na cadeira Presidente Getúlio Vargas e, Fernando Velôzo Gomes Pereira na Cadeira General Carlos de Meira Mattos.A FAHIMTB tem se dedicado a resgatar a vida e a obra de autoridades ligadas a construção da AMAN e a sua inauguração, tendo já realizado as posses nas cadeiras Marechais José Pessoa e Mario Travassos, General Luiz Sá Affonseca e arquiteto Raul Penna Firme, faltando Henrique Laje, o Cadete nº1, cuja inauguração de sua cadeira está prevista para ser realizada pelo Capitão Castro, o que teve de ser adiada por motivos de doença grave em pessoa de sua família.

A FAHIMTB será extinta no final do ano, por motivos diversos que tornam impossível economicamente a sua continuidade sem sua oficialização pelo Exército. Estamos testando sua continuidade através das AHIMTBs independentes de Resende, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e pela preservação de seu acervo na AMAN, que acumulei em meu século e pela FAHIMTB em 23 anos, o qual foi doado à AMAN e recebido pelo General Tomas em Boletim de 17 nov de 2014. Acervo precioso que espero seja preservado, pois é o maior acervo sobre História do Exército ,ao que eu sei.E que o Deus dos Exércitos o proteja.Hoje o mundo, segundo o grande professor historiador da Universidade de Yale, nos Estados Unidos Thimothiu Snider , “ **está descartando as lições da História, no momento em que dela mais necessita.**Que as

autoridades responsáveis pela História Militar, em especial a do Exército, lutem para que isto não ocorra entre nos..

Creio que fiz tudo o que me foi possível para preservá-la, pesquisá-la e divulgá-la, o que sintetizo numa memória que publicarei e disponibilizarei na Internet com o título **Meu legado historiográfico – não vivi em vão!**



Mesa diretora da esquerda para a Direita: Acadêmico Benemérito Israel Blajberg, presidente da AHIMTB- Rio de Janeiro, Cel Claudio Moreira Bento, acadêmico Grande Benemérito, presidente e fundador da FAHIMTB e Sra Stella , esposa do Cel Fernando Velôzo.

Formada a Mesa Diretora e declarada aberta a cerimônia ,o presidente da FAHIMTB convidou os militares presentes a prestarem continência a Bandeira do Brasil entronizada na sala de aula das Faculdades D.Bosco, com o pedido que ela inspire as autoridades brasileiras para conduzirem com sabedoria a solução da crise ora envolvendo a Amazônia Brasileira,



Coroneis Bento, Antonio Carlos, Alexandre, Peres e Veloso em continência a Bandeira

A seguir o acadêmico benemérito Israel Blajberg, presidente da AHIMTB RJ Marechal João Baptista de Mattos, leu a seguinte oração com a qual a FAHIMTB inicia suas seções;



Acadêmico benemérito Ten R2 Art Israel Blajberg procedendo a leitura da oração com a qual a FAHIMTB dá início as suas seções de posses de acadêmicos

ORAÇÃO DE ABERTURA DE SEÇÃO DA FAHIMTB

PEDIMOS A DEUS QUE NOS DÊ SABEDORIA PARA DESCOBRIRMOS AS MELHORES LIÇÕES E A VERDADE HISTÓRICA, NAS PESQUISAS E REFLEXÕES DA ACADEMIA DE HISTORIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

CORAGEM MORAL E VONTADE CULTURAL PARA ESCOLHER AS MELHORES LIÇÕES E A VERDADE HISTÓRICA.

FORÇA, GARRA E DETERMINAÇÃO PATRIÓTICAS PARA FAZER COM QUE A VERDADE HISTÓRICA E AS MELHORES LIÇÕES TRIUNFEM SOBRE AS FALSIDADES, DETURPAÇÕES, A INDIFERENÇA E A IGNORÂNCIA.

TUDO PARA A MAIOR GLORIA E O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS TERRESTRES DO BRASIL, NO EXERCÍCIO O MAIS COMPETENTE POSSÍVEL DE SUAS MISSÕES CONSTITUCIONAIS.

QUE ASSIM SEJA!!!

Recepção pelo Cel Bento, Presidente da FAHIMTB do novo acadêmico

O acadêmico e cineasta Gabriel Mata Roque a pedido do Cel Bento, lê a sua recepção ao novo acadêmico Cel Alexandre Petrini Leonardo

**Recepção como acadêmico do Cel Cav Alexandre Petrini Leonardo
Na Cadeira Especial – Presidente Getúlio Vargas**

É com grande prazer e esperança que recebo em nome da FAHIMTB, o Cel Cavalaria Alexandre Petrini Leonardo na Cadeira Especial Presidente Getúlio Vargas, o líder da Revolução de 30, da qual um dos seus objetivos era a criação de uma Escola Militar longe dos centros políticos, do qual resultou a inauguração por ele, de nossa Academia Militar das Agulhas Negras, a qual ele muito se ligou até 1954. O Cel Petrini revela pendor para as atividades de História e em Juiz de Fora ele é o Delegado da FAHIMTB. Marques de Barbacena



O acadêmico e cineasta Daniel Mata Roque lendo a pedido do Cel Bento sua oração de recepção do novo acadêmico Cel Alexandre Petrini

Como historiador militar, destaco a produção como documentarista ,pelo Cel Alexandre da **Pacificação dos Complexos da Penha e do Alemão**. Obra de grande valor para o Desenvolvimento da Doutrina do Exército neste tipo complexo de Operação e, para a Instrução dos Quadros do Exército neste tipo de Operação. Documentário que lhe valeu os seguintes prêmios.

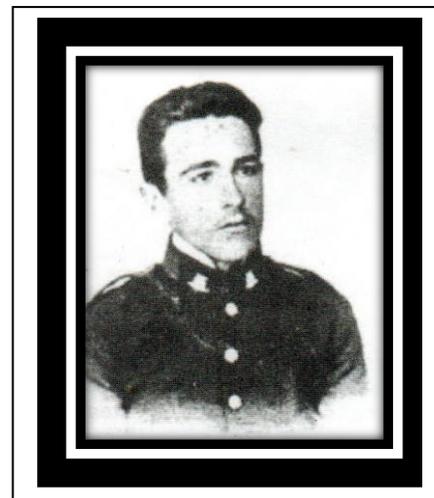
1º Prêmio no 22º Festival Internacional de Filmes Militares em Bracciano Itália.

Menção Honrosa na categoria documentário. no Festival de Filmes Históricos Militares em Varsóvia - Polônia.

E também o 1º lugar – Categoria Marketing Institucional, com Special Troops Caatinga, realizado em Bracciano – Itália.

O Cel Alexandre possui os seguintes cursos além dos regulares AMAN, EsAO e ECEME. Operações na Selva Categoria B no CIGS. Tático de Blindados. Coordenação Civil Militar no Peace Operations Training Institute. Coordenação Pedagógica no CEP, Estágio em Operação Aeronavais e Estágio de Montanha. Licenciado em História pela Universidade Estácio de Sá, pós-graduado em História e Sociologia pela Universidade Cândido Mendes e em Antropologia pela Universidade Dom Alberto, pós graduado em Política e Estratégia pela Universidade Católica D.Bosco / ADESG. Pós graduado em Coordenação Pedagógica pela UFR do Rio de Janeiro, Pós graduado em Gestão Publica pela Gama Filho. Pós graduado em Planejamento Estratégico, pela Universidade Católica D. Bosco. Pós graduado em Neuropsicológica pela Universidade Dom Alberto. Pós graduado pelo FEBRACOS, MBA em Administração e Marketing e em Gestão, Inovação e Conhecimento.

Serviu no 6º RCB em Alegrete, no CPOR/ Porto Alegre, no 8º Esq Cav Mecanizado, Rafael Pinto Bandeira,,(denominação por nossa proposta aprovada), no 1º RCC no Rio, no CPOR/RJ, instrutor chefe, no CIGS em Manaus, no Comando Militar do Oeste, no Brabat em Posto Príncipe, na chefia da Coordenação Civil-Militar, no Gabinete do Comandante do Exército no CComSEx, Sub Cmt do 1º RCC em Santa Maria-RS, Comandante da 12º CSM em Juiz de Fora e, atualmente Sub Diretor do Ensino do CM de Juiz de Fora.O Coronel Alexandre e natural do Rio de Janeiro onde nasceu em 5 março de 1972. Oriundo do CMRJ, conclui seu curso na AMAN em 1993 – Turma Castelnuovo.



Cel Alexandre fazendo o elogio de seu patrono Presidente Getúlio Vargas que aparece ao lado, como aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo(Fonte foto Aluno Getúlio Vargas em BENTO et CAMINHA Escolas Militares de Rio Pardo).

ELOGIO AO PATRONO DA CADEIRA ESPECIAL- GETÚLIO DORNELLES VARGAS PROFERIDO PELO ACADÊMICO CORONEL ALEXANDRE PETRINI LEONARDO

"Ao tomar posse nesta egrégia Academia, cumprindo disposição estatutária, apresento o elogio de posse ao patrono da cadeira, o presidente Getúlio Dornelles Vargas: **'O ideal é ainda a alma de todas as realizações'**. Tal frase lapidar de Getúlio Vargas traduz o leito pelo qual fluirá toda a sua trajetória de vida. Segundo alguns historiadores, Vargas foi a maior expressão da política nacional e uma das mais complexas do século XX. Sua amplitude e relevância para a historiografia do Brasil podem ser dimensionadas porquanto a História oficial do país designa seu período de governo como 'Era Vargas'.

A sua natividade se deu, ainda no Brasil Império, a 19 de abril de 1882, no município de São Borja, no atual estado do Rio Grande do Sul. Na Contudo, muito pouco estudado, à luz das novas teorias da História, têm sido as influências da formação familiar militar de Vargas na construção de sua personalidade e como essas reflexões são fundamentais para a compreensão de suas ações durante o exercício da Presidência da República.

Inicialmente, para podermos compreender o amálgama de paradigmas entre Getúlio e a Força Terrestre, faz-se necessário que o recoloquemos em seu contexto de época, buscando compreender como foi construída a sua identidade, desde sua infância até os 21 anos de idade, período de maturação de sua personalidade que coincidiu com o espaço temporal em que recebeu maior influência do estamento militar.

época de seu nascimento, a então Província de São Pedro tinha uma organização social associada à tradição, tendo como base milicianos locais, mistos de estancieiros, políticos e militares, que formavam 'exércitos' com o proletariado rural, o gaúcho. Muitos desses estancieiros

foram chamados a compor o Exército Imperial, nas diversas campanhas do século XIX, recebendo postos militares honorários.

O seu pai, o estancieiro Manuel do Nascimento Vargas, foi combatente da Guerra da Tríplice Aliança, tendo recebido o título honorário de general, concedido pelo presidente Floriano Peixoto. Tal aspecto acabou por moldar a conformação psicológica de Getúlio dentro dos valores, costumes e tradições do Exército, uma vez que Getúlio, conforme nos comunica Alzira Vargas, '[...] havia sorvido dos lábios de seu pai todas as reminiscências dos combates e entreveros em que tomara parte. O velho Vargas entrara como cabo, o cabo Vargas, e saíra general'. Lira Neto, um dos biógrafos recentes do estadista, nos traz que 'no lugar dos tradicionais soldadinhos de chumbo, brincava com ossos dos bois abatidos na fazenda'.

Esse olhar sobre essa condição humana nos faz refletir o peso da herança familiar sobre a personalidade de Vargas, o qual buscou a carreira militar alistando-se, como soldado, no então 6º Batalhão de Infantaria, em São Borja. Segundo André Carrazzoni, um dos primeiros biógrafos do presidente Getúlio Vargas, o menino Getúlio fora embalado não por '[...] contos de fadas ou viagens maravilhosas. O seu maravilhoso, sob cuja sobra azul adormecia, era estranhamento humano e real. [...] O pai rememorava os feitos homéricos das armas brasileiras o furioso denodo do inimigo'.

Perseguindo sua vocação, matriculou-se, em 1900, na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo. Sua passagem por aquela escola militar se constitui em um dos mais importantes lugares de memória para a compreensão de sua relação com as Forças Armadas, especialmente, pela assimilação em seu caráter das mais nobres virtudes militares que marcariam sua vida política, tais como: civismo (culto aos símbolos nacionais, aos valores e tradições históricas e aos heróis nacionais), patriotismo (amar a Pátria e defender a sua soberania), fé na missão da Pátria e espírito de corpo.

Ademais, os vínculos formados com personagens do Exército Brasileiro, que marcaram a História nacional na primeira metade do século XX, foram fundamentais para reforçar seus laços espirituais com o Exército, merecendo realce o fato de Getúlio ter sido contemporâneo, na Escola de Rio Pardo, dos marechais João Batista Mascarenhas de Moraes, Salvador César Obino e, em especial, de Eurico Gaspar Dutra, além dos generais Pedro Aurélio de Góes Monteiro e Valetim Benício da Silva.

Entre 1900 e 1903, o aluno Vargas já mostrava, em tenra idade, a personalidade que o marcaria por toda sua trajetória política, forte e franca. Foi, segundo Rogério Lima Goulart, o melhor aluno em Geografia, evidenciando possuir capacidade de observar/analisar, refletir e explicar a realidade. Efemérides a parte, um aspecto sobre sua passagem por Rio Pardo merece ser realçada. Cláudio Moreira Bento, em seu artigo intitulado 'Sargento Getúlio Vargas quando aluno da Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo 1900- 1903', elucida-nos a questão da sua não conclusão do Curso, nos desvelando que o seu desligamento se deu por '[...] um incidente promovido por um oficial inábil (Capitão Instrutor Marcos Telles), segundo seus contemporâneos, que atingiram grandes postos no Exército [...]'. Dialogando com Alzira Vargas temos o desfecho do episódio, no qual

'Uma Insurreição provocada por alguns cadetes, insatisfeitos com o tratamento que lhes dava determinado oficial, foi o motivo do desligamento. A rebelião era justa, mas militar não tem o direito de se rebelar. É indisciplina. Aberto o inquérito e identificados os autores, foram todos desligados da Escola. Era medida regulamentar para o caso. Papai [Vargas] pertencia a outro alojamento, não tomara parte no movimento e seu nome não fora sequer citado nas averiguações. No entanto, solidário com seus colegas, pediu que lhe fosse imposta a mesma punição: desligamento. Foi prontamente atendido. Por força da lei, devia voltar à tropa e terminar o seu tempo'.

Assim, esclarece-se o fato, contrapondo-se a algumas versões dominantes.

Após o seu desligamento de Rio Pardo, em 1903, Vargas foi mandado para servir como 2º sargento no 25º batalhão de Caçadores, em Porto Alegre, tendo participado, ainda nesse mesmo ano, da chamada “Questão do Acre”. Buscava, assim, o arquétipo familiar de Getúlio se manifestar.

Em dezembro de 1903, após 5 anos de permanência no Exército, deu baixa para se dedicar à Faculdade de Direito.

A passagem de Getúlio Vargas pelo Exército Brasileiro acabou por desenvolver alguns de seus apanágios pessoais, marcados pelos interesses pela vida nacional e pela valorização da consciência coletiva. Além disso, a compreensão dos problemas das Forças Armadas e do país é um aspecto fundamental da resultante de sua formação familiar militar muito pouco valorizado pela comunidade acadêmica.

Para entendermos a dimensão de tal aspecto para a Força Terrestre é necessário que venhamos contextualizar a situação pela qual passava o Exército entre o final do século XIX e o primeiro quartil do século XX.

Durante o período Imperial, perpassando o início do Brasil República, as Forças Armadas serviam como 'guarda do Poder Central' e como 'guarda de fronteira'. Além disso, o Exército não possuía o monopólio da Força. Tal exclusividade era dividida com forças milicianas estaduais e com a Guarda Nacional. Embora a República tenha acarretado na decadência da Guarda Nacional, as forças de Segurança Pública estaduais passaram a extrapolar os seus papéis e a se projetarem com um poder paralelo ao Exército, principalmente em Minas Gerais e São Paulo. Não havia uma política de Defesa Nacional.

O Exército, desde a década de 1920, estava dividido e imiscuído em questões políticas. A indisciplina, as divisões partidárias e os levantes dentro das Forças Armadas perdurariam até 1937.

Durante o Governo Vargas e em consequência deste vai se observar uma mudança significativa do quadro situacional do Exército, sendo considerada, por muitos acadêmicos, a mais ampla e profunda mudança estrutural realizada na História da Instituição. Segundo Cláudio Moreira Bento, 'Sob seu governo [Vargas] a Doutrina do Exército em seus campos Organização, Equipamento, Ensino e Instrução, Motivação e Emprego, atingiu a maior expressão e progressos relativos, ao longo do processo histórico brasileiro'.

No tocante à cultura da Força Terrestre, a construção da Identidade do Exército foi fundamental. O culto aos heróis militares, por meio do estabelecimento dos patronos das Armas, bem como do Exército foram ações políticas do seu governo. Assim, o marechal Luís Alves de Lima e Silva, após pormenorizados estudos, foi alçado a Patrono do Exército. Nesse contexto, também está inserida a criação da Academia Militar de Resende (1944), validando o ideal do marechal José Pessoa, bem como das mais caras tradições da atual Academia Militar das Agulhas Negras, como a mística do Cadete e o espadim (réplica miniaturizada da espada do Duque de Caxias). Nesse movimento, merece também ser salientada a reorganização Biblioteca Militar como editora, em 1937, uma evolução da antiga Biblioteca do Exército, criada em 1881 pelo Barão de Loreto. Até 1937, as atividades da atual BIBLIEX se limitavam ao empréstimo de obras militares e da literatura mundial.

No campo da organização, do preparo e emprego do Exército, observam-se mudanças estruturantes significativas. O efetivo da Força Terrestre dobrou durante a sua administração, tendo atingido 100.000 homens. Novas unidades foram criadas. Foram criadas 50 organizações militares na 'Era Vargas', sendo 13 de fronteira, dentro de uma clara visão estratégica de presença nacional, além de depósitos e hospitais militares de guarnição. Tropas mecanizadas e antiaéreas passaram a fazer parte da organização do Exército. Merece destaque a criação de novas escolas militares, como os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva e a AMAN, e a construção do Palácio Duque de Caxias, sede do Quartel General do então Ministério da Guerra.

Ainda nesse ínterim, com a preocupação de desenvolver um “now how” tecnológico na indústria militar de defesa nacional, enquadrado em um projeto mais amplo de desenvolvimento do país, foi criada a Indústria de Material Bélico, além de arsenais militares.

O preparo recebeu singular incremento, por meio de grandes manobras militares no campo de Instrução de Saicã e Gericinó. Indiscutivelmente, o preparo da Força Expedicionária Brasileira para a 2ª Guerra Mundial foi o mais importante até hoje realizado no Brasil. A Doutrina Militar Terrestre vigente no país, sob influência francesa, foi atualizada à luz de novas estratégias e táticas militares assimiladas durante os combates nos campos da Itália, passando a ser influenciada pela doutrina norte-americana.

Em seu governo foram criados os principais regulamentos do Exército, como o disciplinar (RDE), o de continências (R CONT), o de administração (RAE) e o de Serviços Gerais (RISG).

O alistamento passou a ser universal, melhorando o sistema de conscrição vigente à época, sendo dada ênfase a formação do oficial temporário.

A criação da Força Aérea Brasileira, em 1941, reestruturando a Aviação Militar, refletiu a preocupação de Vargas com a modernização das Forças Armadas, uma vez que imprimia uma nova dimensão estratégica ao campo militar.

Findando a presente peça, pode-se afirmar que passagem de Getúlio Vargas pelo Exército, bem como a sua socialização em seio castrense, foram fundamentais para a compreensão dos problemas das Forças Armadas e do país. A formação biopsicossocial de sua personalidade lhe acarretou um forte sentimento de pertencimento ao estamento militar. Em sua identidade falava alto os valores, costumes e tradições do Exército Brasileiro.

A relação de Vargas com o Exército não foi mero casuísmo. Tal vínculo obedeceu a uma lógica ainda pouco estudada e tampouco compreendida. A leitura da “Era Vargas” a partir dos aspectos de sua personalidade tem que abarcar, necessariamente, o estudo da formação “familiar militar” de Getúlio, sob pena de não ser compreensível certos episódios de sua vida, como o de seu suicídio. Assim, desfaz-se o maquiagem ingênuo de muitas de suas referências biográficas.

Por meio de uma análise crítico-reflexiva da biografia de Getúlio Vargas e nos abstendo de uma visão precipitada e simplificada de uma leitura metafísica moral da prática política, temos que qualquer coisa que se fale sobre Vargas é historicamente grandiosa.

'Dessa feita', é com muito orgulho e com o real compromisso de perpetuar para as gerações futuras os valores, as tradições e os costumes do Exército Brasileiro que tomo assento nesta Academia, na cadeira, cujo patrono é o presidente Getúlio Dornelles Vargas". **Resende, 24 de agosto de 2019. Coronel de Cavalaria Alexandre Petrini Leonardo.**

Recepção do novo acadêmico o Cel Fernando Velôzo pelo Acadêmico benemérito Cel Carlos Roberto Peres



Hoje é um grande dia para a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, pois nesta sessão solene ela cumpre a honrosa missão de, representando os integrantes desta entidade, receber mais um novo Acadêmico, o Coronel de Infantaria do Quadro de Estado-Maior Fernando Velôzo Gomes Pedrosa. Sua trajetória na carreira militar foi iniciada em 1972, quando assentou praça na Escola Preparatória de Cadetes do Exército. Declarado aspirante-a-oficial em 14 de dezembro de 1978, foi classificado no 5º Batalhão de Infantaria, “Regimento Itororó”, em Lorena, SP, onde revelou os traços de um legítimo oficial de infantaria. Casou-se no dia 27 de dezembro de 1979 com a Srta Stella, alicerçando os firmes valores morais em que estão edificados o seu lar, abençoado pela presença dos filhos do casal, João Pedro e Luciano, este último oficial de infantaria e instrutor da nossa Academia Militar. No período de 1983 a 1985, demonstrou sua aptidão para instrutor, empregando todo seu esforço à edificante tarefa de formar os futuros oficiais do Exército. Em 1988, concluiu o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em segundo lugar numa turma de cento e treze alunos, com a menção MB.

Com a matrícula assegurada pelo resultado obtido na EsAO, ingressa na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em 1993. Incluído no Quadro de Estado-Maior da Ativa no Cmdo da 15ª Brigada de Infantaria Motorizada, Cascavel, PR, exerceu com proficiência os diversos cargos de oficial estado-maior. Nomeado instrutor da ECEME, para o biênio 1997-1998, pelo sucesso obtido como aluno daquela Escola, despediu-se da Brigada, contando com a gratidão do seu comandante, o reconhecimento dos companheiros e a admiração dos seus subordinados.

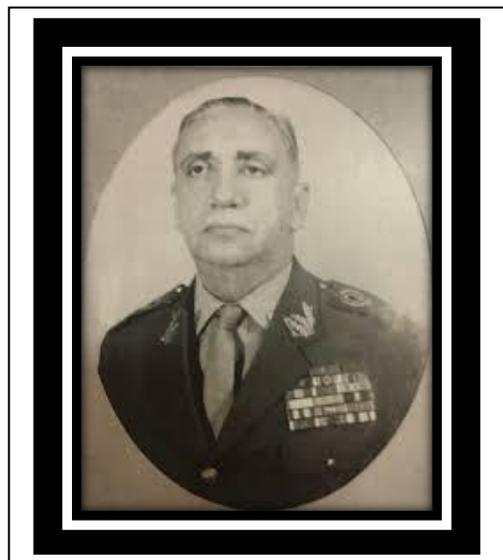
Por dois anos, dedicou-se à preparação do oficial de estado-maior, transmitindo-lhes todo o conhecimento e experiência adquiridos no decorrer da sua trajetória profissional. Em março de 1999, foi selecionado para o cargo de Instrutor do Centro de Estudos do Exército da Guatemala, honrando o Brasil e o Exército, pela maneira primorosa com que cumpriu essa relevante função.

Todavia, estou certo que foi no comando do 5º Batalhão de Infantaria Leve, sua primeira unidade, que o Cel Velôzo no biênio 2002-2003 realizou-se em toda a plenitude, como soldado devotado, consciente e íntegro. Nomeado, mais uma vez, instrutor da ECEME, passou o comando da Unidade em janeiro de 2004, ocasião em que lhe foi concedido o Distintivo de Comando Dourado. No retorno à escola de mais alto nível do Exército, desempenhou as funções de Chefe da Divisão Administrativa e Ordenador de Despesas e a de membro da equipe encarregada do Programa de Excelência Gerencial.

Na sua indicação para frequentar o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx), em 2005, ficou nitidamente comprovado o reconhecimento da Instituição ao competente oficial, proporcionando-lhe a oportunidade de ampliar os seus conhecimentos nos campos da estratégia e da prospectiva. Ao término do ano letivo, permaneceu como instrutor no próprio CPEAEx, mercê do seu desempenho ao longo do curso.

Em 2007 foi nomeado para o cargo de Subcomandante da AMAN, mais uma vez, se apresentava pronto para cooperar na nobre missão de formar o oficial do Exército Brasileiro. Na AMAN, marcou a sua atuação por uma conduta leal, franca e objetiva, fruto de atitudes firmes, ponderadas e equilibradas, que permitiram superar os inúmeros desafios que envolvem o comando da Academia.

Assim, é com grande satisfação que, em nome de todos os integrantes da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, desejo que o Coronel Velôzo seja muito feliz em suas realizações no ambiente acadêmico militar, de vez que qualidades não lhe faltam, pois é mestre e doutor em História militar e muito poderá contribuir com a evolução doutrinária das forças terrestres do Brasil. Que seu saber, idealismo, disciplina e dedicação, que o distinguiram como exemplo de soldado e de chefe militar, continuem lhe inspirando e lhe deem sabedoria nestas novas atividades. Seja, pois, muito bem vindo a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que sente-se honrada com a sua presença entre nós.



Posse na Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Sr. Cel Cláudio Moreira Bento, fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, e Presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil,

Sr. Cel Carlos Roberto Peres, vice presidente da FAHIMTB, assessor cultural do Comandante da AMAN, professor da Cadeira de História Militar da nossa querida Academia, e acadêmico benemérito que me honra, fazendo as vezes de meu “padrinho” nesta cerimônia. Sr. Cel Alexandre Petrini Leonardo, meu prezado novo confrade, que também é empossado nesta data na Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Minha esposa Stella, e acadêmicos Israel Blajberg e Daniel Mata Roque representando a AHIMTB RJ e acadêmico Cel Antônio Carlos Diretor das Faculdades D. Bosco que hoje acolhe a FAHIMTB. horas e senhores convidados, boa tarde!

Gostaria, inicialmente, agradecer ao Cel Bento, meu antigo professor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras nos idos de 1978, pelo convite para integrar o quadro de acadêmicos da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil. Também tenho especial prazer em agradecer as gentis palavras de saudação proferidas pelo Cel Carlos Roberto Peres, meu antigo instrutor na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 1994 e meu mais leal conselheiro e amigo quando exerci a difícil função de subcomandante da AMAN no triênio 2007-2009. Devo dizer que me sinto profundamente honrado por haver sido designado para ocupar a cadeira especial General Carlos de Meira Mattos e por tomar posse

neste auditório da Associação Educacional Dom Bosco, no mesmo local onde o Gen Meira Mattos, tomou posse como o primeiro acadêmico a ser integrado à recém-criada Academia de História Militar Terrestre do Brasil em 1996. Isto tem um significado muito especial para mim!

Sobre o Gen Carlos de Meira Mattos, gostaria de ressaltar as duas vertentes de sua personalidade: o soldado e o intelectual. O Gen Meira Mattos foi soldado na mais precisa expressão da palavra. Ainda adolescente, alistou-se como voluntário em um batalhão de estudantes paulistas durante a Revolução Constitucionalista de 1932, tomando parte das operações na frente mineira.

Já como oficial do Exército, no posto de capitão, participou da Segunda Guerra Mundial, integrando da Força Expedicionária Brasileira. Ainda no Brasil, ajudou o Gen Mascarenhas de Moraes na difícil e penosa tarefa de organizar uma Força Expedicionária para lutar no continente europeu, fato inédito na História do Brasil. Na Itália, foi membro do Estado-Maior da FEB, como oficial de ligação entre o comando brasileiro e o estado-maior do IV Corpo de Exército Norte-Americano, ao qual a FEB estava subordinada.

Durante a campanha da Itália, assumiu o comando da 2ª Companhia do 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, tomando parte em um dos ataques ao Monte Castelo em dezembro de 1944. Por ato de bravura em combate à frente de sua companhia, foi condecorado pelo governo dos Estados Unidos da América com a medalha Bronze Star.

Após a Guerra, foi Instrutor-Chefe do Curso de Infantaria da nova Escola Militar de Resende entre 1950 e 1952, introduzindo novos conceitos doutrinários obtidos pelas experiências da FEB na Itália. Já no posto de coronel, entre 1965 e 1966, Meira Mattos comandou o contingente brasileiro da Força Interamericana de Paz (FIP) na República Dominicana, onde foi encarregado de organizar e comandar uma Brigada Latino-americana, composta por tropas brasileiras, paraguaias, nicaraguenses, costarriquenhas e hondurenhas. Durante as operações na República Dominicana, deu recorrentes mostras de liderança, coragem moral e sensibilidade política diante de uma situação de violência política, radicalismo e desconfianças.

Mal chegado ao solo dominicano, o Cel Meira Mattos participou de uma reunião com o comando da FIP, ainda interinamente exercido por um oficial general norte-americano. Na ocasião, planejava-se a ocupação do Palácio Nacional por tropas da Força Interamericana de Paz. Temendo que o contato entre os rebeldes dominicanos e as tropas paraquedistas americanas resultassem em um banho de sangue, resultante dos sentimentos antiamericanos exacerbados dos rebeldes, o Cel Meira Mattos propôs que as tropas brasileiras recém-chegadas e ainda completamente inexperientes assumissem a operação de ocupação do Palácio Nacional. A operação foi concebida e executada com precisão e sem qualquer baixa, elevando o prestígio do Brasil no âmbito da OEA. O resultado positivo da operação deveu-se ao planejamento minucioso, à execução cuidadosa e à ação pessoal do Cel Meira Mattos.

Como general-de-brigada, Meira Mattos exerceu o cargo de maior destaque que um oficial desse posto pode receber, o de Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras, no biênio 1969-1970.

A outra faceta do Gen Meira Mattos, a do intelectual, também é de grande significado para o Brasil. Desde o final da década de 1940 e até o fim de sua longa vida, colaborou com os mais importantes órgãos de imprensa brasileiros, publicando artigos sobre a política nacional, questões internacionais e geopolítica. Também deve ser mencionada sua atuação como instrutor na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como professor de geopolítica da Escola Superior de Guerra, da Escola de Guerra Naval e das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército e da Aeronáutica, e como vice-diretor do Colégio Interamericano de Defesa, em Washington.

Após passar para a reserva no posto de general-de-divisão em 1977, Meira Mattos obteve o título de doutor ciências políticas, pela Universidade Mackenzie, de São Paulo, com a tese “Geopolítica e Trópicos”, tendo como orientador o sociólogo Gilberto Freire. A partir de janeiro de 1978, exerceu as funções de diretor do curso de especialização em Estudos Brasileiros, em nível de pós-graduação, da Universidade Mackenzie. Ao longo de sua vida, publicou mais de uma dezena de livros sobre Ciência Política, Estratégia e Geopolítica, além de uma biografia do Mar Mascarenhas de Moraes e um livro coletivo sobre a experiência do contingente brasileiro na República Dominicana.

O Gen Meira Mattos representa o paradigma do moderno oficial do Exército Brasileiro. Aquele que supera a velha contraposição do início do século XX entre bacharéis, dedicados exclusivamente à atividade intelectual, e tarimbeiros, homens experientes, dedicados à vida militar, mas de precária formação intelectual e incapazes de larga compreensão do mundo político e social no qual o exército está imerso. Ao contrário, o Gen Meira Mattos é a epítome do oficial do exército que emergiu após a Segunda Guerra Mundial, formado na Escola Militar do Realengo e, depois, na nova Academia Militar das Agulhas Negras. Um oficial cuja educação alia apurada formação acadêmica e cultural, com forte sentido profissional e cuidadosa instrução técnica militar: o bacharel e o tarimbeiro na mesma pessoa. Ao ser acolhido pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em substituição na cadeira Meira Mattos do seu fiel escudeiro o agora acadêmico emérito Cel Hiram Freitas Câmara, espero contribuir para o desenvolvimento desse modelo de profissional militar, aliando a experiência acumulada em quase quatro décadas no serviço ativo do Exército com a capacitação acadêmica obtida na universidade, na pesquisa, nas leituras e nas atividades acadêmicas.

Finalizando estas palavras, agradeço ao Cel Cláudio Moreira Bento, presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, pelo convite para integrar o seleto quadro de seus acadêmicos, e aos demais confrades com os quais tenho a honra de ombrear a partir de hoje. Também agradeço ao Cel Peres, pela calorosa recepção que me foi oferecida, e aos convidados que abrilhantaram este evento com suas presenças. Muito obrigado!

Diplomação dos novos acadêmicos e entrega da insígnias de acadêmicos da FAHIMTB

Patrocínio





D.Stella e Cel Peres colocandona insígnia e o distintivo de lapela da FAHIMTB no Cel Velôzo



Os acadêmicos Israel Blajberg presidente da AHIMTB RJ e o Cel Antônio Carlos Simon Esteves Diretor das Faculdades D.Bosco entregando o diploma,insígnia e distintivo de lapela ao novo acadêmico Cel Leonardo



O acadêmico e cineasta Gabriel Mata Roque a pedido do Cel Bento lendo suas palavras finais

Palavras finais sessão da FAHIMTB

Em 24/ago/2019 na AEDB

Quero encerrar esta seção falando sobre o problema ora em debate, de ameaça de Internacionalização da Amazônia, em cuja defesa me posicionei desde que tive contato com as teses do ex-comandante da Amazônia Gen Ex Luiz Gonzaga Shoroeder Lessa, que trouxe para o Centro e Sul o debate em defesa da Amazônia.

Em decorrência publiquei o livro **Amazônia Brasileira, Conquista, Consolidação e Manutenção – História Militar Terrestre da Amazônia (1616-2004)**. Obra prefaciada pelo General Lessa e no final indicações de acesso a Internet de todas as monografias sobre a Amazônia Brasileira, produzidas por alunos da ECEME e CPAEx. Livro enviado ao então comandante Militar da Amazônia Gen Ex Heleno Ribeiro Pereira(24 set 2007-6 abr 2009) o qual agradeceu dizendo que meu citado livro “era livro seu de consulta e de sua cabeceira.”

Em 2017, decorridos 13 anos o republicamos, atualizado, reverenciando com fotos todos os ex-comandantes do Amazônia considerados Eternos comandantes, atualizando as monografias do período e, ao final, as fotos dos ex- comandantes do Centro de Instrução de Guerra na Selva. Obra prefaciada pelo 1º comandante do Comando Militar do Norte Gen Ex Osvaldo de Jesus Ferreira e pelo Comandante Militar da Amazônia, o Gen Ex G eraldo Antônio Miotto, prezado amigo e meu ex-aluno de História Militar na AMAN em 1978.

Todo este conhecimento foi muito acrescido pela visão do filme do Netflix: **Amazônia Secreta**. Filme que detalha os prejuízos causados à Amazônia pelo desmatamento criminoso por madeireiros e fazendeiros , com a conivência de autoridades governamentais, com a missão de fiscalizar e punir os desmatadores, **atuando com inimigos azuis**, por dinheiro,por omissão criminosa ou por medo de represálias, por necessitarem de apoio policial ou militar mais convincente, além de danos causados pelas garimpagens não controladas, em terras indígenas, pelo intenso tráfico de droga e pelo controle de ONGs, em grande parte interessadas em nossos minerais. Enfim, abusos incríveis a preocupar especialmente europeus, na inviabilização da Amazônia, como pulmão do Brasil e do mundo.Afora isto acabo de assistir uma entrevista do autor do livro **A Terra Inabitável**, que tem causado grande preocupação nos meios científicos do Ocidente e de autoria de David Wallace Wells, alertando pelo aumento do efeito estufa e do nível dos mares, pelo derretimento das geleiras. E relacionando as causas destas mudanças climáticas ou sofrimentos climáticos, decorrentes, inclusive o aumento de conflitos militares.E menciona a menina e líder ativista Greter Flumberg, que em defesa das próximas gerações, apela providências das atuais gerações para evitarem esta tragédia anunciada, **“da qual os líderes das atuais gerações, colocam a mão nas cabeças das crianças e lhes dizem, não se preocupem.”**O problema é sério !!! É a Amazônia em seu conjunto, como Pulmão do Brasil e do mundo é fundamental ser preservada e combatida com firmeza e determinação, os diversos problemas que a afligem.E aqui recordo o nosso grande geopolítico Gen Carlos de Meira Mattos,com a Teoria do Desafio e a Resposta ,do grande historiador ocidental Arnold J.Toynbee assim sintetizado.

“A geografia condiciona, justifica, dificulta, sugere, inspira e apresenta o Desafio. Compete ao Homem responder este Desafio. Ou ele responde e vence ou é derrotado.

Este é o grande desafio para o Governo Brasileiro: Executivo, Legislativo e Judiciário. Queira Deus que eles vençam !!! e que contem com o apoio do Povo Brasileiro

E recorde este pensamento de meu ex-comandante Gen Ex Rodrigo Jordão Ramos, cuja história resgatei para seu filho e meu colega de Turma Aspirante Mega, para disponibilizá-la na História do 2º Grupamento de Engenharia de Construção em Manaus, do qual é denominação histórica e, ex-comandante de Amazônia que perenizou este mantra..

“Árdua é a missão, de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquistar e mantê-la.”

História esta que resgatei em meu livro citado **Amazônia Brasileira**...disponível em obras de interesse da AMAZÔNIA, em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre da Amazônia www.ahimtb.org.br

Vale a pena ser lido artigo Fundo Amazônia- os Vikings e a Nova Era Brasileira do General Paulo Chagas em <https://genpaulochagas.wordpress.com/2019/07/08.fundo-amazonia-os-vikings-e-a-nova-era-brasileira>.

Por iniciativa da Escola Superior de Guerra participamos em dependências do Banco Central de Simpósio sobre a Amazônia, o que a crédito deva ser repetido para coordenar o pensamento brasileiro sobre a defesa da Amazônia, para responder ao Sínodo do Vaticano, sobre a Amazônia, **que aticaria a Campanha de Internacionalização da Amazônia**” segundo General Luiz Eduardo Rocha Paiva, autor em 2011 de Artigo **A Amazônia e a marcha da insensatez**, que vale apenas ser meditado. Hoje as condições de defesa de nossa soberania sobre a Amazônia brasileira se tornaram mais complexas, com o advento de uma nova Era de grande e acelerado desenvolvimento tecnológico, creio que provocado pelo desenvolvimento da Informática e da Internet, em especial, nas grandes potências econômicas e militares. Nos últimos 10 anos, 2009-2019, houve grandes revoluções com apoio na Internet. O Google substituiu a Listel, Páginas Amarelas e Enciclopédias. Os Smartphones substituíram câmeras amadoras, fotografias e revelações. A Nuvem complicou os pendrives. O Uber está competindo com os táxis. O Youtube complicou a vida das emissoras de TV. Pois os jovens preferem assisti-lo, do que as TVs de canal aberto. O Whatsap, complicou os telefones. A Tesla, complicou as montadoras de automóveis. A Olx acabou com classificados em jornais e o Email complicou a vida dos Correios. E vem mais tecnologias na **nova Era** que vivenciamos e inclusive na Doutrina Militar, com a Guerra Cibernética, uso de drones, missies etc Aguardemos conclusão em Cancun, México do Encontro Internacional sobre o clima. Creio que se impõe ser passado, um pente fino na Amazônia Brasileira pelas Forças Armadas que lá atuam, inclusive o levantamento de todas as ONG que lá atuam e definir quais as que são movidas pela ambição de controle e exploração de nossas riquezas minerais. Enfim ter o Máximo de controle e conhecimento sob a realidade da Amazônia e suas vulnerabilidades que aumentaram nos últimos 30 anos.

Patrocínio.





Foto dos acadêmicos e convidados que participaram desta histórica seção da FAHIMTB. Da esquerda para a direita: Acadêmico benemérito Cel Carlos Roberto Peres, vice presidente da FAHIMTB, acadêmico Daniel Mata Roque, acadêmico benemérito professor Israel Blajberg, presidente da AHIMB RJ, Cel Claudio Moreira Bento, acadêmico Grande benemérito, presidente da FAHIMTB, Acadêmico emérito Cel Antônio Carlos S. Esteves Diretor das Faculdades D. Bosco que recebeu a FAHIMTB para esta seção, Sra Estella, esposa do novo acadêmico Cel Fernando Velôzo que está a sua direita e o novo acadêmico Cel Alexandre Petrini Leonardo e seu convidado cujo nome não pudemos guardar embora tenhamos tentado por telefone. E que nos desculpe



Entrega da condecoração Estivemos Juntos, ao Cel Bento pelo acadêmico benemérito Israel Blajberg que representou junto com o acadêmico Gabriel Mata Roque a FAHIMTB em Moscou, nas Comemorações do Dia da Vitória, chefiando delegação da ANVFEB neste encontro de veteranos aliados de todas as nacionalidades na 2ª Guerra Mundial.

PATROCÍNIO





DOCUMENTO ANEXO A MEDALHA FRENTE E VERSO COM MOLDURA QUE ADICIONEI

A presente reportagem artesanal foi feita pelo presidente da FAHIMTB aos 88 anos. Ela seguramente contém erros e falhas pelos quais antecipadamente peço desculpas solicitando que fixem no FUNDO e não na FORMA